



Da mulher na Bíblia*

Woman in the Bible

Jacó Guinsburg**

Resumo: Este artigo discute a figura e a representação da mulher na Bíblia. Elas são multidão no relato bíblico. Desde Eva, a cada página surge um vulto de mulher. Virtuoso ou pecador, desalmado ou abnegado, terno ou tirânico, ele suscita, hoje como outrora, a impressão viva de um temperamento, de um gesto, de um sentimento. O jogo sutil da psicologia e das motivações femininas, das suas relações com o mundo masculino, continua palpitando nas heroínas das Escrituras.

Palavras-chave: Bíblia. Mulher. Judaísmo.

Abstract: This article discusses the figure and the representation of the woman in the Bible. They are crowd in the biblical account. Since Eve, each page there is a woman's face. Virtuous or sinner, selfless or soulless, suit or tyrannical, he raises, as once today, living a printing temperament, a gesture, a feeling. The subtle game of psychology and female motivations, its relations with the masculine world, continues pounding on the heroines of the Scriptures.

Keywords: Bible. Woman. Judaism.

A Bíblia foi e continua sendo o Livro. Por quê? Porque traz a palavra divina e a história da criação, dizem três grandes religiões, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Durante séculos e milênios, as três fés alimentaram os fiéis com a semente bíblica. A sua parábola, o seu provérbio, a sua crônica e, sobretudo, a pregação ardente de seu profeta fecundaram o espírito das gerações, figurando entre os germes de sua cultura. E nem mesmo aqueles rincões cujo isolamento foi mais acentuado, como os do Extremo Oriente, escaparam à sua influência. De um ou de outro modo, mais cedo ou mais tarde, ela chegou a todos os quadrantes do globo e está em toda a parte. É onipresente.

Mas a Bíblia é onisciente também. Pois cada geração a interpretou à sua maneira e, ao assim proceder, criou uma imagem de si mesma, um autorretrato espiritual. Por que pôde fazê-lo? Porque encontrou no versículo bíblico um espelho capaz de refleti-lo, um exemplo que se lhe ajustava, uma moral que



exprimiam a sua verdade profunda. Ora, se a galeria destes retratos é a da evolução do espírito humano, a Bíblia é o livro do verbo encarnado, o testamento da criação. Da criação do homem a caminho de sua condição.

Mas, para a Bíblia, esta não se faz de maneira abstrata. Ela é concreta. Realiza-se no dia-a-dia. Na existência individual e no procedimento social. Em cada ato da criatura de carne e osso. Daí o desfile exemplar da humanidade como ela é: nas suas paixões, nos seus vícios, nos seus desvarios, mas também nos seus momentos de coragem, de dedicação e de desprendimento. É uma extraordinária exibição de tipos e situações, de feitos e comportamentos do mortal, enquanto homem e mulher.

No caso específico das personagens femininas, elas são multidão no relato bíblico. Desde Eva, a cada página surge um vulto de mulher. Virtuoso ou pecador, desalmado ou abnegado, terno ou tirânico, ele suscita, hoje como outrora, a impressão viva de um temperamento, de um gesto, de um sentimento. O jogo sutil da psicologia e das motivações femininas, das suas relações com o mundo masculino, continua palpitando nas heroínas das Escrituras. O seu caráter exemplar não as transforma em estátuas, à exceção da companheira de Lot.

Entretanto, a Bíblia não esquece tampouco que nesta multiplicidade há uma unidade: um eterno feminino, uma condição de mulher. Não se trata evidentemente do princípio deformado que o preconceito masculino pretendeu, através dos séculos, calcar nas Escrituras: o do sexo como expressão da vaidade e da futilidade, da astúcia e da malícia, da luxúria e da devassidão, em suma, como encarnação do mal. Muito ao contrário, desses traços caricatos ou satânicos, função evidente da luta do homem para transformar a sua companheira em *objeto*, em boneca de suas vontades, a feminilidade assume, na Bíblia, as mais formosas e positivas feições. Épica como Judite, lírica como Sulamita, dramática como Ester ou trágica como Atália, ela traduz sedução, beleza física, mas, com a mesma força, encanto, irradiação espiritual.

A Bíblia vê, pois, a mulher em sua plenitude. Na plenitude de sua função e de seu estado. Neste sentido, o desenrolar dos episódios bíblicos parece em muitos pontos um verdadeiro tratado da mulher e de sua condição, na sua capacidade de sofrer e amar, no seu mistério e na sua sagacidade. A começar pela primeira.

Eva, a ajudadora



Deus fez a Criação e viu que era realmente uma beleza. Tudo funcionava. Ficou tão satisfeito com sua obra-prima que julgou não poder reservar-se a sua contemplação. Afinal de contas, não precisava daquilo para ver, dentro de si, sem sair de sua infinitude, as maravilhas que quisesse. Já que se dera ao trabalho, o Artista achou que deveria expor a sua Criação aos olhos de alguém mais: um espectador, uma testemunha. Só assim ela se completaria, adquiriria um sentido específico, um fim. Ora, é claro que este apreciador, para formar uma imagem, para "enxergar" o que fora realizado, precisaria dispor de atributos que só o Criador tinha até então. Por isso Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Dito e feito.

Mas quem conhece os caminhos do Criador? Ele dotou a criatura generosamente. Deu-lhe todos os meios de sentir, discernir e mesmo de escolher, por arbítrio próprio. Tornou o homem um contemplador ideal e o instalou no meio das maravilhas do Éden. Mas se pretendia que ele continuasse nesse estado, por que plantou no centro do Jardim a árvore do bem e do mal? E mais ainda: por que achou necessário dar a Adão uma companheira? e permitiu que a serpente viesse a saber o segredo da árvore e da mulher?

Por tudo isso, é bastante provável que alimentasse algum propósito ulterior, e não inteiramente expresso, ao considerar que: "Não é bem que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea" (Gn 2:18).

No que Eva ajudou

Da costela de Adão, imerso em beatífico sono, Deus formou Eva, a ajudadora. Mas no que ia ela ajudar? Ao que tudo leva a crer, em despertar o seu companheiro. Em tirá-lo do estado contemplativo e em passá-lo ao ativo. Em desencadear o seu potencial humano. Em convertê-lo, de projeto de homem, em homem de projeto. Em realizar o homem, de modo que ele, com *seus* próprios olhos, pudesse medir a glória da Criação.

Com efeito, só assim talvez se explique a facilidade com que a serpente pôde sussurrar as suas insídias ao ouvido da mulher e a presteza com que esta as acolheu em sua curiosidade. Pois não houvesse um alto desígnio em mira, nem todas as víboras do mundo seriam capazes de convencer a inocência absoluta de que "aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento"(Gn 3:6). E se Eva deu-se por persuadida, cedeu à tentação e "tomou de seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido" (Gn 3:6), foi possivelmente porque a sua ajuda estava providenciada. Havia de contribuir para a queda do homem.



Diz uma velha máxima, que também procede do fundo dos tempos: “A queda contém em si mesma a ressurreição”. Se não for consolo pelo que está irremediavelmente perdido, ela talvez soerga uma ponta do véu que envolve a expulsão do Éden. Sob este aspecto, a missão de Eva não se restringiria a assegurar o mandamento de crescer e multiplicar-se. Seria fácil demais. Sobretudo na pureza paradisíaca. Sem dor nem sofrimento. Mas, escolhida para ajudar nos mais elevados projetos, incumbir-lhe-ia, além da função reprodutiva, uma ação produtiva – gerar o homem na carne e desencadeá-lo no espírito. Ela seria a verdadeira mãe do gênero humano. Ou melhor: a mediadora eleita entre o homem e o homem.

E isto permite resguardar um pouco o orgulho varonil, pois a finalidade da ação continua sendo masculina.

De como a ajudadora foi ajudada

Mas quem conhece os caminhos do Criador? Se realmente pretendeu fazer de Eva a sua ajudadora, é indubitável também resolveu apagar *quase* todos os traços de Seu intuito e da colaboração prestada. Temeu quiçá que a mulher, dotada de poder gerador, de sagacidade natural e, agora, da faculdade de distinguir entre o bem e o mal, se sentisse de fato divina. E com isso quisesse não só ajudar, mas dominar o seu companheiro e, por meio dele, rei dos seres vivos, a Criação toda. As consequências seriam tanto mais graves quanto ficaria instalada no mundo terreno, *in loco*, um outro poder ostensivo. Se uma certa dose de domínio era admissível, e mesmo desejável, ele deveria permanecer oculto, mesmo de sua detentora. Daí talvez por que a Providência, sem renunciar aos préstimos da mulher, julgou de bom alvitre torná-los pouco evidentes. E, ao expulsá-la do Paraíso juntamente com o seu companheiro, a fim de que encetassem juntos a caminhada através dos dias e dos trabalhos, disse-lhe: "Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição, com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará" (Gn 3:16).

Dos frutos da ajuda

Foi portanto na mais doce submissão que as filhas de Eva prestaram grande parte de sua valiosa ajuda. E no anonimato também. Pelo menos de Sete, filho de Adão, que gerou Enos, que gerou Quenã, que gerou Maalalel, que gerou Jaredé, que gerou Enoque, que gerou Matuselá, que gerou Lameque, que gerou Noé, e de Noé até Terá, pai de Abrão, o mais recolhido recato ou a obscuridade do fundo das tendas encobriu-lhes os formosos semblantes. E que o eram não



resta a menor dúvida, pois está escrito: "Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram belas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram" (Gn 6:2) Mas seja porque o Senhor não estivesse certo de manter a Criação por causa da maldade dos homens, seja porque em momentos tão delicados elas preferissem o mais apagado serviço, seja porque os homens em seu orgulho se julgassem filhos de pai e não de mãe, o fato é que antes e depois do Dilúvio, até que a decisão do Altíssimo se firmou definitivamente na escolha de Abrão e Sarai, o nome das filhas de Eva foi apagado da face da terra e dos humanos registros. No entanto, da fecundidade de sua colaboração dizem os troncos que deixaram em seu rasto: a veneranda linhagem de varões que porfiaram em viver longamente na senda do justo.

Do fraterno ajudar-se, ou de como, tendo descido, Abrão foi ajudado a subir

E houve os dias em que a fome reinou naquela Terra. Murchara a dadivosa madre. Os campos jaziam desolados e as cidades desfaziam-se na aflição. A ave de presa rondava o céu. E a víbora de peçonha ardente saía de seu ninho e cruzava o caminho do viandante. Entre o céu e a terra – o cardo e o espinho. Entre o desespero e o luto – a fúria do Senhor.

Foi então que Abrão desceu. E assim descendo chegou ao Egito. Tudo aí era fartura. Como se o Senhor quisesse testemunhar a Sua pujança, dando ao limo do Nilo as benesses reservadas às torrentes da Promissão. O leite e o mel fluíam sob o cetro do Faraó. As suas cidades regurgitavam de prosperidade. E no templo do ímpio, ressoava o hino de júbilo. Nuas dançarinas de Ísis contorciam-se celebrando a fecundação da deusa. Gorda era a seara da prostituta. Cheios estavam os seus úberes. Venturosos eram os que se conspurcavam na sua impudícia e na sua idolatria.

E Abrão, que havia descido tanto, viu que tudo aquilo só podia ser vontade de Deus, e que algum plano fora por Ele concertado, e que os males que tanto afligiam um Seu filho dileto, quando a profanação nadava na abundância, devia fazer parte do Seu desígnio. Precisamente no descer estava por certo o subir, o caminho da ascensão passava pelo deprimido vale da desgraça. E foi quando, evidentemente inspirado, julgou que devia atingir o fundo de seu peregrino descenso e apelou para o auxílio de Sarai, sua esposa, dizendo-lhe: "Ora bem sei que és mulher formosa à vista; e será que, quando os egípcios te virem, dirão: Esta é sua mulher. E matar-me-ão a mim, e a ti guardarão em vida. Dize, peço-te, que és minha irmã, para que me vá bem por tua causa, e que viva minha alma por amor de ti" (Gn 12:11-13).



E a mesma luz que brilhara no espírito do Patriarca, iluminou o da Matriarca, e ela compreendeu que era chegada a hora em que a alma da mulher oferece a suprema ajuda – em que ela sacrifica tudo pelo amor ao seu companheiro. Ainda que o altar fosse o serralho do Faraó, com suas setenta mil concubinas, falando a um só tempo as setenta línguas das sete partes de Babel, estava pronta a imolar-se nele. Cordeiro do Senhor, deitar-se-ia no leito da luxúria. E seu amor, não só de esposa, mas de mãe e irmã, remiria o peregrino: a mais fraterna ajuda, conduzi-lo-ia, para além do vale das lágrimas, à sua eterna destinação.

E o que estava previsto aconteceu. Pastor e cordeira foram acuados pelos lobos. E a beleza da mulher excitou os olhares da concupiscência. E a matilha já rosnava, quando os chefes a contiveram, dizendo que tão linda presa só ao rei podia caber. E tendo perguntado ao errante quem era a sua companheira, e tendo ele respondido que era Sarai, a Princesa, sua irmã, os chefes julgaram mais uma vez acertada a sua decisão, "e foi a mulher tomada para a casa de Faraó" (Gn 12:15).

E quando Rá-Amon a viu, foi como se do engaste do firmamento a mais bela estrela lhe houvesse caído aos pés. E ele ficou ofuscado, e maravilhado, e seu coração começou a latir, e um frio percorreu o seu divino corpo, e um tremor assaltou-lhe os divinos membros. E imediatamente acenando para o Grande-Camareiro-do-Leito, determinou que fosse alterado o seu calendário conjugal. E, apesar das dificuldades que daí adviriam para a ordem do serralho e das gerações, a vontade do deus-rei foi cumprida com a rapidez do raio. E, apesar do furioso burburinho que reinava no peito de suas setenta mil mulheres, algumas das quais esperavam havia mais de vinte anos e já envelheciam no desespero de conhecer as graças do divino senhor, o mais profundo silêncio selou-lhes os lábios. E durante sete dias e sete noites foi Sarai banhada, e perfumada, e adornada, e preparada para o divino encontro, enquanto Faraó no mais profundo recolhimento, na mais severa frugalidade, sem receber ninguém, exceto o Grão-Mestre-do-Banho-e-da-Massagem, também se preparava para a noite dos deslumbramentos. E a cordeira da oferenda foi tão mansa no sacrifício, tão terna na adoração, tão generosa na dádiva, que o seu doce mistério subjuguou por inteiro os uivos de Anúbis-rei. E não houve o que não lhe quisesse conceder: bastaria que o dissesse, ou antes, que o pensasse. "E fez bem a Abrão por amor dele: e ele teve ovelhas, e vacas, e jumentos, e servos e servas, e jumentas e camelas" (Gn 12:16).

E tão ardoroso era o sentimento de Faraó que pensou em tornar Sarai, que Princesa já era, Primeira-Irmã-da-Deusa, e talvez mesmo Deusa-Irmã-do-Deus-Rei, a Rainha. E Ischtaarti, a babilônia, que a divina Ischtaar enviara



especialmente ao deus-Faraó, para representá-la junto a ele e ocupar em seu tálamo a posição de Primeira-Irmã, não pôde reprimir a sua indignação, quando veio a saber pelo Grande-Camareiro o que era planejado em favor da intrusa. E também o principal dos aios não ocultou a sua apreensão ante as graças e as mercês que eram prodigalizadas à beduína e a seu irmão. E Ischtaarti propôs, e Pepsi assentiu, que no mais secreto segredo consultassem o mais potente dos deuses, o fecundador dos Dois Impérios, Ápis, o Boi. E deram cem medidas de ouro, e cem medidas de prata, e cem medidas de linho, e cem medidas de azeite, ao sumo-sacerdote de seu templo. E perguntaram-lhe o que havia a fazer. E o oráculo respondeu que: "Do signo virá o sinal". E o Grande-Camareiro e a Primeira-Irmã compreenderam que a ordem era esperar, mas que o sagrado Boi os protegeria, e não permitiria que a estrangeira exaurisse o vigor do deus-rei e usurpasse as suas bênçãos aos legítimos abençoados. No entanto, Rá-Amon continuava cada vez mais embevecido e disposto a promover Sarai junto dele, e a provê-la nesta e na outra margem do grande rio.

Foi então que o Senhor julgou azado o momento do intervir e mostrar a força de seu braço e de seu escudo. E, quando chegou a época da oferta das águas, a cheia foi paupérrima. O vento do deserto soprou o seu hálito de fogo. O sol esturricou as sementeiras mal regadas. E as pragas vieram, como as hostes de gafanhotos. E pior ainda, Faraó mesmo foi atingido em sua casa, que empobreceu, e em sua carne, que mirrou. E nada conseguia tirá-lo de sua prostração, nem mesmo a donzela núbia que fora instruída pelos feiticeiros de Cusch. Era óbvio que algum poder, e dos mais poderosos, fora contrariado, e que sua cólera se abatera sobre o Reino da Fartura. Era preciso conjurá-lo. E a grande assembleia dos sacerdotes foi convocada, e o auxílio de todos os deuses, invocado. E o povo todo foi uma só voz de clamor: a prece estava em sua boca, como a penúria estava em sua casa.

E Ischtaarti e Pepsi viram que era soado o sinal. E, prosternando-se perante Aquele-que-não-pode-ser-olhado, disseram-lhe que Ápis talvez pudesse ajudar. E o servidor do Boi foi chamado, e ele veio, paramentado com o chifre de ouro da Sublime Festa da Fecundação. E, havendo Faraó baixado o signo de sua divindade, ordenando-lhe que falasse, e perguntado se o deus, seu irmão, se manifestara por algum sinal, ele disse: "O teu sagrado signo que me dá voz é o sinal, o sinal de que a fértil semente do deus, teu irmão, é desperdiçada no árido ventre do deserto". A alusão era evidente.

Mas Faraó não estava convencido, nem vencido estava o seu amor pela formosa estrangeira. Contudo, a voz do beatífico Boi depressa ganhou asas e correu o mundo. Na corte era ecoada onde quer que duas figuras conversassem, e na rua



onde quer que duas sombras se cruzassem. E depressa as intrigas de uns e as murmurações de outros, as fervorosas rezas dos fiéis e as piedosas profecias dos sacerdotes, o queixoso salmodiar das multidões nas procissões e o marcial trombetear dos exércitos nos desfiles uniram-se numa só grita, que chegou mesmo aos ouvidos surdos do rei-deus. E ele sentiu a sua divindade ameaçada, e meditou sobre o que podia haver de verdade no oráculo. Mas o seu coração não se decidia entre a sua própria verdade e a verdade do Boi.

E foi então que Sarai, não menos informada do que outrem sobre as causas do que acontecia, e no entanto mais informada do que outrem sobre as causas do que acontecia, achou que também podia ajudar na desgraça a quem a tratara tão bondosamente na prosperidade, e que, ajudando-o, ajudaria a Providência no seu desígnio. E fez saber a Faraó de que, ao tomá-la para si, ele ofendera o todopoderoso Senhor Deus, protetor invisível mas onipresente de seu marido Abrão, o hebreu errante.

E Rá-Amon sentiu como se um relâmpago lhe iluminasse o entendimento. Era a outra parte do que Ápis lhe revelara; desencadeara contra si a ira do Senhor dos desertos, o sopro abrasador de seu vento, o terrível *hamsin*, o *simum* da cólera, ao querer plantar no seu ermo consagrado. Ele, deus-Faraó, e seu povo eram vítimas de Sua vingança. Era preciso aplacar aquele senhor dos altos do Sinai, desviar o seu sopro mortífero, devolve-lo às inóspitas regiões das minas, onde o seu silvo enfurecido corre entre as montanhas de cobre e o mar de jade, açoitando a imensidão desolada.

E Faraó mandou chamar à sua divina presença o habitante das tendas, e disse-lhe: "Que é isto que me fizeste? Por que não me disseste que ela era tua mulher? Por que disseste: É minha irmã? De maneira que a tomei por minha mulher; agora, pois, eis aqui tua mulher; toma-a e vai-te" (Gn 12: 18, 19).

E enquanto, Abrão, prosternado diante do Trono Resplandecente, não sabia ainda se estava morto ou vivo, embora algo já começasse a cantar em seu íntimo em louvor a Aquele-que-é, Faraó acrescentou: "E apazigua o Deus da Vingança que contra nós desencadeaste". E o rei-deus despediu de sua face o estrangeiro pastor e sua cordeira, dando ordens a seus varões para que os cumulassem de dádivas e oferendas a eles e ao seu implacável Senhor e os acompanhassem, com tudo o que tinham, até as fronteiras da Fartura.

E assim foi que, tendo descido, foi Abrão ajudado a subir, e "subiu... do Egito para a banda do sul, ele e sua mulher, e tudo o que tinha, e com ele Lot" (Gn 13:1).



De como Sarai tornou-se Sara ao ajudar Abrão a tornar-se Abraão, ou da bênção da velhice

E não foram só estas as maravilhas que o Altíssimo, na Sua infinita bondade, fez testemunhar o Seu amado servo, Abrão. E não foram menores aquelas em que se valeu dos bons serviços de sua fiel serva, Sarai. Na memória dos tempos ficará gravada a prodigiosa ajuda que Ele lhe permitiu prestar quando os anos dela eram noventa. Era então Abrão de noventa e nove anos. E o Senhor apareceu-lhe e disse-lhe: "E eu sou o Deus todo-poderoso; anda em minha presença e sê perfeito; e porei o meu concerto entre mim e ti, e te multiplicarei grandissimamente. Então caiu Abrão sobre o seu rosto, e falou Deus com ele, dizendo: Quanto a mim, o meu concerto é certo é contigo, e serás o pai de uma multidão de nações; e não se chamará mais o teu nome Abrão mas Abraão será o teu nome" (Gn 17:1-5). E aquele que era "pai da altura", da elevação até Ele, sentiu a mais piedosa gratidão pela graça divina que o tornava em "pai de uma multidão" de povos. Porém, ao reconhecimento não tardou a juntar-se o espanto, quando 'veio a saber que tronco seria, mas não apenas do ramo de Agar, pois Sarai também deitaria um cepo. "Disse Deus mais a Abraão: A Sarai tua mulher não chamarás mais pelo nome de Sarai, mas Sara será o seu nome; porque eu a hei de abençoar, e te hei de dar a ti dela um filho; e a abençoarei, será mãe das nações; reis de povos sairão dela" (Gn 17:15, 16). E ouvindo isso, a admiração de Abraão não teve limite, e ele caiu "sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: A um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara da idade de noventa anos?" (Gn 15:17).

Não menos admirada do que o seu marido, ficou Sara. Percebera vagamente de que algo estava para acontecer, porque de repente Abrão passou a tratá-la com um "i" a menos e exigir que o tratassem com um "a" a mais. Mas ela não dera grande atenção ao fato, nem se desviara de seus afazeres. Mesmo porque acreditava ser produto da idade, em parte, a deferência cerimoniosa e a distância impessoal que se criavam com aquela transformação de "minha princesa" em "a princesa" ou do "pai da altura" em "pai da multidão". Parecia-lhe que, como toda criatura humana, àquela altura da vida Abraão pensava um pouco no seu "futuro" e no futuro de seu "nome".

Contudo, a tranquilidade de Sara foi abalada com a misteriosa visita dos três anjos. De início, ficou algo curiosa com o calor da hospitalidade que seu esposo dispensava aos três forasteiros. Três medidas de flor de farinha, uma vitela tenra e boa, e mais manteiga e leite, tudo isso posto diante deles, era uma acolhida bastante pródiga, mesmo para a proverbial cordialidade que o hebreu



das tendas costumava prestar a quem lhe pedisse pão e sal. Mas não foi apenas por curiosidade, como disseram depois as más línguas, que aplicou discretamente o ouvido à tenda onde Abraão e seus misteriosos comensais se banquetevavam e palestravam. Foi também – por que não dizê-lo? – por uma salutar medida de segurança que desejou inteirar-se do que ocorria. Pois, quem conhece os perigos que espreitam o homem, mesmo que seja o justo no caminho da retidão? Talvez necessitasse Abraão de sua ajuda, da ajuda tão oportuna que da tantas vezes, e tão desinteressadamente, lhe concedera.

No entanto, sua surpresa foi menos porque veio a saber que os visitantes que ali estavam não eram mortais. Não era a primeira vez que apareciam a seu marido. O que a deixou na verdade desconcertada foi ouvir, com seus próprios ouvidos, que teria um filho. "Assim pois riu-se Sara consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de ter envelhecido, sendo também o meu senhor já velho?" (Gn 18:12).

Se a sua dúvida era justificada na ordem dos poderes do homem, não o era na ordem dos poderes de Deus, pois: "Haveria alguma coisa difícil ao Senhor?" (Gn 18:14) E sendo no fundo do coração este o seu modo de pensar, apesar do incidente havido entre ela e Abraão a propósito do mesmo assunto, aprestou-se Sara para ajudar com todas suas forças a divina vontade. E de fato o grande milagre foi feito na devida época, e o ventre tão longamente estéril concebeu, e o "riso", Isaac, foi o nome desta benção da velhice. E foi assim que Sarai tornou-se Sara ao ajudar Abrão tornar-se Abraão.

De como as filhas de Lot ajudaram o pai

E aconteceu, nos dias da ira do Senhor contra Sodoma e Gomorra, que o justo não foi confundido com o ímpio e que o Juiz de toda terra fez justiça. E "aqueles varões" tomaram Lot "pela mão, e pela mão de sua mulher, e pela mão de suas duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso, e tiraram-no, e puseram-no fora da cidade" (Gn 19:16).

E aconteceu que, tendo a mulher de Lot cedido ao espírito de indagação, e tendo ela pago o preço de seu atrevimento, Lot subiu de Zoar, porque temia aí permanecer, e habitou numa caverna com suas duas filhas.

E aconteceu que "a primogênita disse à menor: Nosso pai é já velho, e não há varão na terra que venha unir-se conosco, segundo o costume de toda terra; vem, demos de beber vinho a nosso pai, e deitemo-nos com ele, para que em vida conservemos a semente de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai naquela noite; e veio a primogênita, e deitou-se com seu pai, e não sentiu ele



quando ela se deitou, nem quando se levantou. E aconteceu, no outro dia, que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai; demo-lhe a beber vinho também esta noite, e então entra tu, deita-te com ele, para que em vida conservemos a semente de nosso pai. E deram a beber vinho a seu pai, também naquela noite; e levantou-se a menor e deitou-se com ele, e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E conceberam as duas filhas de Lot seu pai" (Gn 19:31-36). E Moab, pai dos moabitas, foi o filho da primogênita, e Benami, pai dos amonitas, foi o filho da menor. E assim foi conservada a semente do remido de Sodoma. E foi assim que as filhas de Lot ajudaram o pai.

E foi esta a pequena ajuda que quisemos prestar sobre algumas filhas de Eva, a ajudadora. E o fizemos sem outro intuito, e sem outra sabedoria. E um dia talvez falemos mais desta ajuda, tão bela, se Deus nos ajudar.

* Este relato foi originalmente publicado em *O que aconteceu, aconteceu*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 171-189.

** **Jacó Guinsburg** é Professor Emérito da Universidade de São Paulo (USP), ensaísta, editor e tradutor. Verteu para o português obras de Descartes, Diderot, Platão, Spinoza, entre outros. Publicou, entre vários títulos: *Aventura de uma língua errante* e *O que aconteceu, aconteceu*. Organizou *Teatro espanhol do Século de Ouro* e *Tévyé, o leiteiro*, de Scholem Aleikhem.